

A ÁRVORE DA VIDA DA CABALA, A MATRIZ DE IDENTIDADE

E O TERCEIRO UNIVERSO

Ney Vernon Vugman

Doutor em Física (CBPF), Professor Titular da UFRJ, psicólogo, psicodramatista (Delphos)

José Fonseca

Médico, doutor em psiquiatria (USP), psicodramatista didata supervisor (SOPSP)

INTRODUÇÃO

CABALA, HASSIDISMO E MORENO

O povo judeu nunca abandonou a paixão religiosa durante seu êxodo e, como compensação pela ausência da pátria, sempre conservou as práticas religiosas e as tradições. O misticismo, enquanto conhecimento de Deus por parte do homem, é apresentado, sob o ponto de vista judaico, como uma unidade que preexiste à dualidade, e como uma unidade que tem de ser recuperada em uma nova irrupção da consciência religiosa.

A espera pelo Messias, por um tempo melhor, pelo fim do êxodo e pelo encontro com a terra prometida sempre foi constante na religião judaica. A necessidade religiosa era tamanha que não bastavam a sinagoga, a Torá e os rabinos. Daí o aparecimento de inúmeras seitas religiosas judaicas. Influenciada pelo gnosticismo e pelo neoplatonismo, surgiu a Cabala, que quer dizer “tradição”. Apesar de significar “tradição”, ela carregava fortes elementos de inovação religiosa. Cabala também pode significar “aceitação” ou “aquilo que é recebido”, enquanto aprendizado de mistérios percebidos somente pelos iniciados. O livro representativo da Cabala, *O Zohar*, cuja autoria ainda é polêmica, é atribuído ao Rav Shimon bar Yochai (século II), por alguns, e ao judeu espanhol Moisés de Leon (século XIII), por outros. A Cabala possui elementos de interpretação dos sentidos ocultos das escrituras, combinações numéricas e idéias de possessão, e contém variadas doutrinas cosmológicas e místicas. O esoterismo hebraico influenciou profundamente

inúmeros pensadores cristãos. Além da Cabala especulativa, que tem por objeto interpretar os textos sagrados, há a Cabala prática, que se ocupa de conhecimentos a fim de obter o êxtase místico.

A Cabala utiliza técnicas de permutação de letras e de combinação de números para se embrenhar nos profundos mistérios da criação e da constituição do universo. Seu princípio básico considera Deus, em si, ou nas suas manifestações. Deus, em si, antes de qualquer revelação, é um ser indefinido, vago, invisível, sem atributos precisos, como um mar sem praia, um abismo sem fundo, absolutamente incognoscível. É irrepresentável por meio de imagens humanas, de uma letra ou mesmo do ponto. Sua designação menos imperfeita é o sem-fim, o infinito, o sem-limite, o não-existente, o não-ser.

A Cabala oferece o esboço da filosofia do Encontro. O mundo do pecado é apresentado como o da divisão. Pecado seria introduzir dualidade na unidade divina. O primeiro ser humano teria sido macho-fêmea, sem definição de gênero, à semelhança de Deus, e mais tarde foi separado. As duas partes, porém, movidas por atração recíproca, procuram-se, tendo em vista a relação, a “re-ligação”, a “re-união”, o amor, o Encontro. Na Cabala, o pecado é a destruição da unidade, a alienação que fragmenta. A união preencheria a distância na qual o mal se insinua e restabeleceria a unidade original perturbada pela dualidade.

O movimento hassídico (*hassid* significa “piedoso”) derivou-se da Cabala. O hassidismo nasceu nos guetos poloneses e esperava proporcionar aos judeus um alívio para as dificuldades e sofrimentos do destino, além de conter uma nova concepção de Deus. Trata-se de um movimento que propunha substituir a relação vertical por uma horizontal – o Deus próximo, o Deus presente. Deus estaria em todas as coisas do mundo. Quando as centelhas divinas fossem liberadas, o Deus latente afloraria. O profeta do hassidismo, Israel ben Eliezer (1698-1770 ou 1699-1761), também chamado Baal Shem Tov ou Besht (iniciais de Baal Shem Tov) levou ao povo a Cabala reinterpretada.

Os caminhos de Deus constituíam-se muito mais pela irradiação e emanção relacional do que pela doutrina. No hassidismo, o contato pessoal era mais importante que os textos religiosos. O líder iluminado, “desperto”, substituía o mestre erudito, e o local da prática do culto perdia valor; qualquer lugar servia (psicodrama *in situ* de Moreno). A simplicidade e a devoção estavam acima da intelectualidade.

O hassidismo rejeita a tendência ao ascetismo sem justificativas. O destaque para a alegria, para o prazer, vem do conhecimento acerca da presença de Deus em todas as coisas. O hassidismo é ativo, dinâmico, otimista, espontâneo, e acredita no homem e em suas exteriorizações. Sempre existe a perspectiva da liberação de centelhas divinas. O corpo é incluído nas orações, mediante a música e a dança. O que vale é o encontro com o mundo e com os semelhantes. Assim se chega a Deus.

Hoje, graças ao estudo de autores nacionais (Fonseca, 2008; Nudel, 1994) e estrangeiros (Sarró, 1966; Marineau, 1992; Blatner, 1996), não pairam dúvidas sobre as influências hassídicas na obra moreniana. Jacob Levy Moreno e Martin Buber criaram, cada um em seu campo, uma consistente obra de inspiração hassídica, de modo que podem ser considerados autores neo-hassídicos.

Pierre Weil (1974), um dos pioneiros do psicodrama no Brasil, confirmou, em contato pessoal, os conhecimentos de Moreno sobre *O Zohar*. Nessa oportunidade, Moreno citou expressões que demonstraram suas ligações com a mística judaica. Weil comprovou sua hipótese de que Moreno extraiu da mística judaica sua filosofia e prática terapêutica.

MATRIZ DE IDENTIDADE

A *matriz de identidade* é descrita por Moreno (1961) como o processo de aprendizagem relacional da criança. Ele deixa delineada uma teoria do desenvolvimento infantil e, por consequência, o esboço de uma teoria da personalidade. Como o próprio nome diz, a *matriz de identidade* indica a formação da identidade. Representa o berço da consciência de quem somos e de quanto valem nas relações (conceito autovalorativo).

A *matriz de identidade*, em seu desenvolvimento, contempla um *primeiro universo* e um *segundo universo*. O *primeiro universo* desenvolve-se em dois tempos: no primeiro tempo, a criança não diferencia pessoas de objetos, não distingue fantasia de realidade, vive somente o tempo presente, apresenta relações indiscriminadas. No segundo tempo do *primeiro universo*, o bebê começa a distinguir objetos de pessoas, passa a demonstrar certas preferências relacionais. A *matriz de identidade* caminha, portanto, de um estado total indiferenciado em direção a um total diferenciado.

O *segundo universo* concretiza-se quando, no processo do desenvolvimento, a criança vivencia a “brecha entre a fantasia e a realidade”. A partir desse momento, ela deixa de exercer somente os papéis psicossomáticos (de respirador, ingeridor, urinator etc.) do *primeiro universo*, e acrescenta o exercício dos papéis psicológicos ou do imaginário, relativos ao mundo da fantasia, e o exercício dos papéis sociais, relativos ao mundo da realidade. Nesse momento, já existe a distinção entre o Eu e o Outro, entre o Eu e o Tu.

Consideramos a distinção entre fantasia e realidade um processo gradual que nunca chega totalmente ao fim. O conceito do real deve ser compreendido sob um critério relativo, uma vez que o absoluto ganha a condição de mera abstração idealizada e imaginária. Porém, no contexto deste trabalho, o importante é ter em mente que o *primeiro* e o *segundo universos* abrem, evolutivamente, a possibilidade de um *terceiro universo* que será nosso objeto de considerações.

A *matriz de identidade* foi originalmente descrita em cinco fases. A primeira corresponde à completa identidade do bebê com o seu meio. A segunda caracteriza-se pelo fato de a criança concentrar a atenção no “outro” e estranhar parte dele. A terceira separa o “outro” da continuidade da experiência. Na quarta, a criança já consegue desempenhar o papel do “outro”. Na quinta etapa, a inversão da identidade é completa: a criança consegue desempenhar o papel do “outro” diante de uma terceira pessoa, que, por sua vez,

desempenha o seu. Esses estágios do desenvolvimento infantil fundamentam as bases psicológicas para todos os processos de desempenho de papéis. Em outros escritos, Moreno (1966) propõe três fases: identidade do Eu com o Tu – fase do duplo; reconhecimento do Eu – fase do espelho; e fase do reconhecimento do Tu. Do extremo da indiferenciação – unidade – passa a concentrar-se no outro extremo – fase de inversão.

Ao descrever o desenvolvimento infantil, a *matriz de identidade* moreniana deixa espaço para que se acrescentem outros conhecimentos sobre o tema, sem que, necessariamente, perca-se o eixo fenomenológico original. Fonseca (2000) concebe o desenvolvimento como um movimento espiralado de ida-e-volta, que se interpenetra, e sem seguir, necessariamente, uma ordenação cronológica rígida. Os elementos constitutivos estão dispostos em tempos lógicos que obedecem a uma complexificação gradual, em que os estados anteriores estão contidos nos posteriores. A *matriz de identidade* está internalizada no adulto como uma estrutura sociométrica viva sempre passível de ser acionada, tanto com a finalidade de influir como de ser influenciada pelas novas experiências.

Vejam uma breve descrição didática de suas posições ou estados.

1) *Indiferenciação* – O ser humano é um ser cósmico, que vem do cosmos e a ele retorna. O cosmos é seu berço e seu leito de morte. Ao nascer, a criança segue um lento caminho de individuação. Inicialmente, o bebê não distingue o Eu do Tu.

2) *Simbiose* – A vivência de unidade cósmica começa a diluir-se. A criança caminha rumo a uma identidade e começa a discriminar o Outro, o Tu e o mundo, mas ainda não o faz totalmente. Ela continua ligada por um cordão umbilical psicológico, no qual, às vezes, acontece uma dupla dependência vincular.

3) *Reconhecimento do Eu ou fase do espelho* – A criança passa para um estado de reconhecimento de si mesma, de descoberta da própria identidade; fica polarizada por um movimento centrípeto sobre si mesma. Segundo o ponto de vista somático, ela começa a tomar consciência do corpo; percebe que está separada da mãe (Tu), das pessoas, dos objetos. O processo do *reconhecimento do Eu* ou *fase do espelho* está presente em todo o percurso da vida, mas apresenta alguns picos. O mais importante, por ser básico, é o primeiro, isto é, o da primeira infância. O segundo pico é o da adolescência, e o terceiro, o da senectude. O ser humano encontra-se em constante processo de autoconhecimento, que nunca chega totalmente ao fim.

4) *Reconhecimento do Tu* – O *reconhecimento do Eu* e o *reconhecimento do Tu* acontecem de maneira simultânea. Ao mesmo tempo em que o bebê se reconhece como pessoa, também passa a perceber o Outro. Há uma polarização pelo Tu, um movimento centrífugo em direção ao Outro. A criança descobre que o Outro sente, reage e responde.

5) *Relações em corredor* – Agora há um Tu, a cada vez, pela frente. No entanto, a criança acredita que pessoas e objetos constituem sua posse exclusiva. Ela sente-se única, central: “O Tu é meu e de mais ninguém”. Como essa posse não se concretiza na medida de seu desejo, ela experimenta a conseqüente frustração. A contraparte dessa experiência é o possível aprendizado da humildade.

6) *Pré-inversão de papéis ou assumir o papel do outro* – A criança desempenha papéis espontaneamente. Em seu clima lúdico, ela “é” o cachorro, o médico, o herói do desenho animado. Moreno (1983) explica que, no estado de identidade cósmica, a criança sentia tudo dentro de si; agora, busca resgatar o que perdeu. Ela desempenha o papel de mãe da boneca, ou do irmãozinho. Assim, realiza um “treinamento” seguro para a futura inversão de papéis. Fonseca (2008) denomina essa posição de *pré-inversão de papéis*, para distingui-la de sua plena execução.

7) *Triangulação* – Essa posição revela um salto na complexidade relacional. Antes, da unidade cósmica para a relação dual; e agora, desta para a unidade triangular. Existe um *Ele!* Os vértices Eu, Tu e Ele compreendem três lados no triângulo relacional: Eu-Tu, Tu-Ele, Eu-Ele. O fato de a mãe afastar-se da criança é interpretado como uma busca por algo que ela não tem. O que ela procura? Aqui se insinua a existência de um terceiro enigmático que, supostamente, dá à mãe algo que a criança não pode dar. O terceiro é, então, privador – na medida em que rouba a mãe de seu convívio – e, ao mesmo tempo, doador – uma vez que, supostamente, oferece algo a ela. Assim como a criança busca a mãe, esta também busca alguém. Por intermédio da mãe, constrói-se uma ponte entre a criança e o terceiro. Assim, a criança ganha acesso a ele e a seu amor. Esse reposicionamento estabelece uma nova ordem relacional que serve de modelo para que o sujeito possa ocupar, no futuro, os três ângulos do triângulo e não um só. A triangulação ensina que os outros podem fazer relacionamentos independentes entre si, sem que isso signifique, necessariamente, uma perda afetiva. Essa etapa representa um acréscimo qualitativo ao mundo relacional. Agora a criança relaciona-se com o Tu (Eu-Tu), relaciona-se com o Ele, que nesse momento é um novo Tu (Eu-Ele), aceita o Tu-Ele como uma relação independente, faz parte de uma gestalt relacional (Eu-Nós).

8) *Circularização* – Ultrapassada a triangulação, a criança está preparada para incluir mais pessoas (mais do que duas, mais do que três) em sua dimensão relacional. Algo que já se esboçara na posição triangular – o sentir-se em igualdade de condições com a mãe na busca por um Outro – agora se consagra no descobrimento dos irmãos relacionais. Da *matria* para a *patria* e desta para a *fratria*. Dizendo de outra forma, do uno (solo) para o dueto; deste para o trio; agora o quarteto e, em seguida, o círculo orquestral social. A *circularização* contempla o período da socialização. Representa a entrada do ser humano na vivência sociométrica dos grupos. Transcende-se o *Eles* e chega-se ao cálido círculo do *Nós* (Eu-Nós). Nesse processo, constrói-se a proposta da *inclusão social*.

9) *Inversão de papéis* – Depois de todo esse “treinamento”, o ser humano adquire a capacidade para realizar relações com reciprocidade e mutualidade. Isso significa incluir-se do outro lado da relação, sintonizar e apreender os sentimentos do outro. A inversão de papéis está sob a égide da empatia e da empatia em duplo sentido, do fenômeno *tele*, como Moreno (1956) o descreveu. Atingir a possibilidade de inverter papéis é sinal de maturidade relacional.

10) *Encontro* – A culminância da inversão de papéis, ou, o ápice télico de uma relação ganha a proporção do Encontro. Estamos diante de um conceito importante, seja somente como figura filosófica, seja como dimensão existencial. Historiamos o caminho percorrido, do berço cósmico – indiferenciação ou

unidade – à inversão de papéis. Esse percurso já foi comparado com a expulsão do Paraíso. Cada passo soa como mais uma desilusão de retorno. É como se houvesse uma força que empurra para frente e outra que puxa para trás – pulsão de retorno – que necessariamente não é pulsão de morte. Porém, a esperança da revivência cósmica permanece. O Encontro representa essa possibilidade, mesmo que seja um momento fugaz. Os envolvidos fundem-se em uma “re-união” cósmica.

ESSÊNCIA E PERSONALIDADE

O ser humano vem ao mundo como essência cósmica correspondente a seu microcosmo, o qual, por sua vez, possui a mesma “substância” ou “energia” do macrocosmo. Nas religiões, é comum a imagem de Deus “dentro” do homem, ou “acima” dele, no céu. O homem está conectado ao universo pela essência, e à Terra pelo bio (corpo) - psicossocial (personalidade). Corpo e personalidade correspondem, portanto, ao invólucro da essência e são objetos de estudo da medicina e da psicologia. Temos, então, duas perspectivas: uma vertical, por meio da essência – cosmos – e outra horizontal, por meio do corpo e da personalidade – terra. O homem está na interseção dessas linhas. Enquanto a essência corresponde à parte inominada do homem, o corpo e a personalidade carregam um nome.

Essas observações complementam os comentários sobre o Encontro, como um impacto que, momentaneamente, dissolve as personalidades envolvidas, promovendo a “re-união” das essências – liberação de *centelhas divinas* de Moreno (1961).

A ÁRVORE E A PERSONALIDADE

Recorremos a uma alegoria entre a botânica e a psicologia para ilustrar o desenvolvimento humano na *matriz de identidade*. As influências psicossociológicas se sobrepõem concentricamente, de modo similar ao processo de crescimento dos caules das árvores. O tronco corresponde à personalidade ou *Eu*; os galhos, aos papéis sociais; e a árvore, à pessoa. Os papéis-galhos apresentam uma estrutura semelhante à personalidade-tronco e são instrumentos relacionais que permitem a comunicação com os papéis-galhos das outras pessoas-árvores (contra-papéis).

A observação dos papéis-galhos de uma pessoa revela como é a árvore-pessoa. O corte transversal de seus galhos ou de seu caule permite acompanhar a história de seu desenvolvimento.

CORRESPONDÊNCIA ENTRE O DIAGRAMA DA MATRIZ DE IDENTIDADE E O DIAGRAMA DA ÁRVORE DA VIDA

A ÁRVORE DA VIDA: OS 32 CAMINHOS DE AVRAHAM

Quando estudamos a Cabala, procuramos não submergir no poço escuro do misticismo, onde tudo é mágico, e de onde o “cabalista” surge em uma posição de poder vinculado a um “saber” mágico, como um encantador de uma serpente que os incautos acreditam ver. Os grandes sábios da Cabala ensinam a duvidar dos próprios conhecimentos, justamente para que seu estudo afaste-se de uma concepção mágica desse sistema. *O Zohar, o livro do esplendor*, eventualmente subverte a ordenação dos elementos da *árvore da vida*, a fim de lembrar que nenhum sistema, nenhum modelo, deve confundir-se com a própria realidade.

Dessa forma, segundo o filósofo e historiador judaico do século XX, Gershom Scholem (1974), considerado o fundador do campo de estudos acadêmicos da Cabala, a doutrina das emanções (*sefirot*) é o “grande desastre da Cabala”, ao sugerir que o sistema de *sefirot* pode dar a ilusão de ser suficientemente complexo para realmente capturar toda a realidade. No entanto, assim como qualquer outro sistema, ele de fato representa uma visão limitada da realidade. Scholem, por outro lado, jamais disse que não devíamos utilizar um sistema coerente de conhecimentos para tentar entender a realidade.

Diante disso, podemos começar a utilizar o sistema da *árvore da vida*, cuja origem a tradição judaica remonta a, aproximadamente, quarenta séculos atrás, provavelmente na Babilônia.

Segundo Kaplan (1990), em sua tradução e interpretação do Sêfer Ietzirá (O Livro da Criação), obra atribuída ao patriarca Avraham (Abraão), “com 32 caminhos místicos de Sabedoria gravou o Deus vivo seu Universo com texto, com número e com comunicação”. Embora a maior parte do Sêfer Ietzirá trate dos 32 caminhos tal como se manifestam em dez dígitos (as dez *sefirot*, quantidades) e nas 22 letras do alfabeto hebraico, os primeiros cabalistas os definem como diferentes estados de consciência.

Neste trabalho, consideraremos os 32 caminhos, que compõem a *árvore da vida*, como uma possível evolução da consciência humana em sua trajetória entre o nascimento e a morte. O diagrama da *árvore da vida* está reproduzido na figura abaixo, descrito e relacionado à *matriz de identidade* já comentada anteriormente.

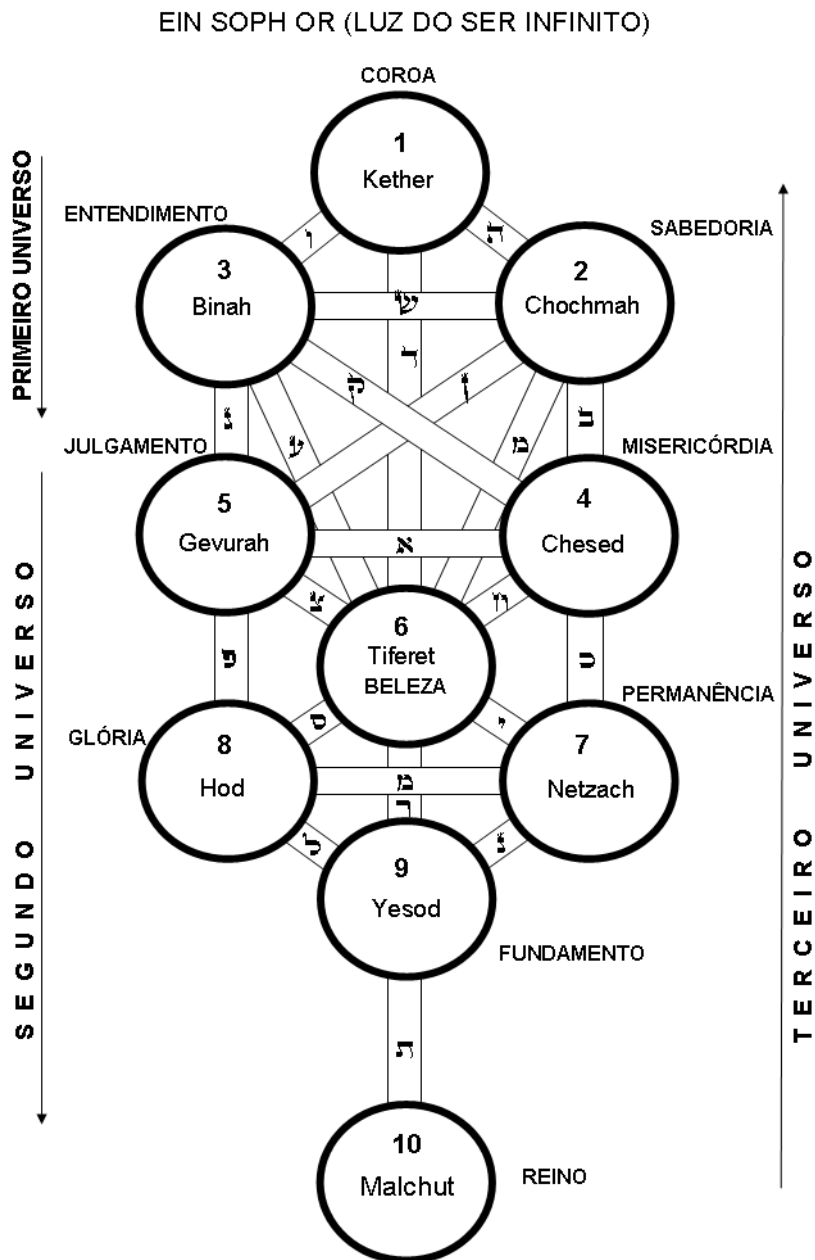


Figura 1: Diagrama da Árvore da Vida

A primeira sefirá, Kether (Coroa), representa a grande explosão inicial do universo humano, a possibilidade de criação da consciência humana. Essa grande explosão foi criada a partir do nada (EIN), que se tornou EIN SOPH (infinito), e depois EIN SOPH OR (luz do nada infinito). Em seguida, essa energia forma Kether e vai transitando pela *árvore da vida* até o Reino (Malchut), que é a energia do ANI (eu sou). Portanto, o processo de formação da consciência vai do nada até o eu. Digno de nota é o fato de as palavras *nada* e *eu* serem escritas em hebraico, como uma permutação das mesmas letras:

$$\text{EIN} = \text{bì} \quad \text{e} \quad \text{ANI} = \text{ib} \quad .$$

Qualquer mudança profunda na consciência humana envolve um momento de conexão com Kether. O nome de Deus conectado com Kether significa “Eu sou o que eu sou” ou “Eu serei o que quer que eu seja”. Kether é o lugar onde tudo é possível; é o lugar da espontaneidade moreniana e corresponde ao estado de identidade cósmica e de completa indiferenciação. Aqui há a possibilidade de criação da consciência humana a partir da totalidade.

A segunda sefirá, Chochmah (Sabedoria), representa a consciência pura desprovida da dualidade. Conforme Goldstein (<http://www.kolel.org>), é puro pensamento sem palavras, praticamente inacessível ao ser humano. Em Chochmah, há a percepção da união com o todo, um conhecimento intuitivo. O ser é total e, portanto, necessariamente simbiótico. Chochmah corresponde ao segundo estado da *matriz de identidade* – o estado de simbiose.

A terceira sefirá, Binah (Entendimento), conecta-se com a idéia de distinção das coisas. Até Binah, o mundo é uma unidade impenetrável feita de amor e compaixão. Após Binah, emergem as coisas como nós as entendemos, um mundo de entidades distintas. Dessa forma, Binah é, também, o início do julgamento, do conflito e da limitação, necessários ao mundo como o conhecemos; é o início da vicissitude em oposição à liberdade. É nessa fase que o ser humano começa a reconhecer-se em função da possibilidade de pensar e de reconhecer a dualidade. Binah corresponde ao terceiro estado da *matriz de identidade*, à fase do reconhecimento do Eu.

A quarta sefirá, Chesed, por ser um desejo de compartilhar, correlaciona-se com o estado do reconhecimento do Tu, pressupõe necessariamente a percepção do outro e o reconhecimento do Eu. Deve-se exercer a compaixão com alegria. É aqui neste estágio que a memória pode ocupar um lugar ao lado da sabedoria. Reconhecer o outro implica recordar do outro.

A quinta sefirá, Gevurah, por representar o desejo de receber, corresponde ao estado das *relações em corredor*. O Eu passa a querer as pessoas e os objetos como posses exclusivas. O desejo de receber é vital para a existência. O problema é querer receber sem compartilhar, o que resulta num esgotamento da possibilidade de receber, assim como ocorre com um recipiente tão cheio que nele não cabe mais nada.

A quarta e a quinta *sefirot*, Chesed e Gevurah, representam as primeiras polaridades que emergem de Binah. Encontramos tais polaridades em nós mesmos e em nossa experiência com o mundo. Chesed representa o puro desejo de compartilhar, e Gevurah, o desejo de receber. Compaixão e amor, por um lado, e a severidade da justiça, por outro, são demandas irreconciliáveis. Chesed representa o amor a Deus, e Gevurah, o temor a Deus. Esse temor a Deus, segundo *o Zohar*, não é uma simples questão de reverência a Deus: inclui o terror e é uma resposta realista à percepção de uma realidade terrificante.

A sexta sefirá, Tiferet (Beleza), representa a coluna central da *árvore da vida* e é a sefirá à qual aporta o maior número de caminhos, de modo que simboliza o grande objetivo do ser humano. Tiferet é a beleza em todas as coisas; não uma beleza meramente estética, mas que resulta da harmonia alcançada entre

os pilares da direita e da esquerda da *árvore da vida*, entre o desejo de compartilhar e o desejo de receber. Com Tiferet, aprendemos a medida certa do compartilhar e do receber, da misericórdia e do julgamento. Essa fase está associada ao estado da *pré-inversão de papéis*, o que possibilita ao ser humano uma integração harmônica com o mundo.

A sétima sefirá é Netzach (Vitória e Eternidade). A vitória corresponde à superação das próprias limitações. A eternidade refere-se à capacidade de manter sempre vivo um sentimento, uma sensação, sem deixar que as ações humanas se robotizem, caiam na conserva cultural ou sejam tratadas com indiferença. Netzach é a primeira sefirá em que há reciprocidade, e é a responsável pela necessidade humana de relacionar-se com o outro. É nessa fase, também, que o ser humano encontra energia para vencer a inteligência nociva da dúvida, mediante o aprimoramento de sua concentração. Netzach corresponde ao estado da Triangulação; suas qualidades possibilitam ao ser humano um salto na complexidade relacional e implicam a nossa possibilidade de socialização e desenvolvimento da espontaneidade. A maior propriedade de Netzach é a capacidade da auto-anulação, a qual se relaciona com a possibilidade de reconhecer que os outros podem compor relacionamentos independentes entre si, sem que isso signifique, necessariamente, uma perda afetiva.

A oitava sefirá é Hod (Glória ou Esplendor). Em Hod, aprendemos a identificar o outro e, conseqüentemente, a aceitá-lo. Sua qualidade espiritual enfatiza a humildade e o reconhecimento. Reconhecimento ou glória vem do hebraico *hodaá*, termo relacionado à confissão, a falar sobre seu problema, ao processo psicoterapêutico. O número 8, em hebraico, é representado pela letra *g*, que simboliza a união entre o masculino e o feminino e significa a capacidade de unificação do mundo físico com o mundo espiritual, entre corpo e mente. A partir de Hod, começa o processo de autoconhecimento e refinamento por meio da auto-observação; instaura-se a capacidade de plenitude associada ao exercício da autoridade com tranqüilidade e amor. O estado da *matriz de identidade* associado à Hod é a Circularização, fase em que a criança começa a perceber os outros, seus irmãos relacionais, e, enfim, a socializar-se.

A nona sefirá é Yesod (Fundamento), cujo nome é formado pelos termos hebraicos *Yesh Sod* (tem segredo). Yesod é um grande reservatório que recolhe, equilibra e transfere toda a inteligência emanada das *sefirot* acima dela para a décima sefirá, Malchut (Reino), dimensão do mundo físico, dos aspectos tangíveis da realidade. Associada aos órgãos sexuais, é em Yesod que, segundo a Cabala, encontra-se o arquivo de vidas passadas e o inconsciente de cada indivíduo. Yesod é a dimensão dos sonhos e das revelações.

Yesod liga-se a Malchut por um único caminho na *árvore da vida*. Os cabalistas denominam-no de “caminho a ser percorrido pelo iniciado”. Representado pela última letra do alfabeto hebraico (a letra *Z*), que também simboliza a passagem para a morte, esse caminho é protegido por uma cortina que precisa ser aberta pelo iniciado (é esse o significado da cortina que cobre o local, nas sinagogas onde se guarda a Torá). Por outro lado, é interessante notar que, na língua hebraica, a palavra *hebreu* significa “aquele que pode passar para o outro lado”. Aqui, *o outro lado* pode ser entendido como o acesso ao inconsciente, à espiritualidade ou, no tocante à matriz de identidade, simplesmente assumir o papel do outro, ou seja, a possibilidade de

inversão de papéis, sinal de maturidade relacional. A letra *z* tem o valor *quatrocentos*, enquanto a maturidade, representada pela letra *n*, tem o valor *quarenta* (quarenta anos no deserto para atingir a maturidade do povo, quarenta dias de provações de Cristo). É necessário, portanto, percorrer as dez *sefirot* com maturidade, a fim de chegar ao número *quatrocentos* e obter a capacidade de inverter papéis, ou seja, incluir-se do outro lado da relação, sintonizar e apreender os sentimentos do outro, em um fenômeno télico. Pode-se perceber, agora, como o tele moreniano relaciona-se com o outro lado, com o inconsciente que se tornou co-inconsciente. Naturalmente, estamos relacionando Yesod com o estado da Inversão de Papéis.

No corpo, Malchut é representado pelos pés. No nível de Malchut, encontramos o Mundo da Ação que relaciona diferentes aspectos de nossa existência física. Em Malchut, encontramos o maior desejo de receber, uma vez que é o ponto mais distante da fonte; daí o sentimento de “falta” inerente ao ser humano. É em Malchut que podemos nos encontrar e viver em sociedade, evoluir enquanto espécie. É, portanto, por excelência, o lugar apropriado para o Encontro e para o amadurecimento do ser humano.

As 22 letras do alfabeto hebraico, que constituem os elos de ligação entre as *sefirot*, possuem número, texto e comunicação. Representam quantidades, sons e possibilidades de composição de palavras, e sua forma transmite idéias à semelhança de um ideograma. A descrição completa das 22 letras está fora do escopo deste trabalho, embora a associação entre letras e palavras-chave esteja representada na tabela 1 e sirva para incentivar o leitor a aprofundar-se na correspondência entre o diagrama da matriz de identidade e o diagrama da *árvore da vida*.

LETRA	VALOR	SIGNIFICADO	LETRA	VALOR	SIGNIFICADO
`	1	compaixão	l	30	eliminar a timidez
A	2	sabedoria e memória	n	40	capacidade de amar
B	3	espírito empreendedor	p	50	humildade
C	4	planejamento da própria vida	q	60	tranquilidade
D	5	comunicação	r	70	sentimento de raiva
E	6	contemplação e meditação	t	80	autoridade
F	7	sair da inércia	v	90	saber comer
G	8	ver claramente	w	100	alegria
H	9	compreender	x	200	serenidade
I	10	poder para transformar	y	300	paixão
K	20	poder de cura	z	400	certeza espiritual

Tabela 1: associação entre letras do alfabeto hebraico e palavras-chave.

A tabela 2 sintetiza nossas observações sobre a correlação entre o diagrama da matriz de identidade e o diagrama da *árvore da vida*.

FASE	SEFIRÁ	QUALIDADE	PROPRIEDADES	SENTIMENTOS	TÉCNICA
PRIMEIRO UNIVERSO					
Indiferenciação	Kether (coroa)	possibilidade de criação da consciência humana	identidade cósmica	totalidade	duplo
Simbiose	Chochmah (sabedoria)	percepção de união com o todo	Conhecimento intuitivo	ser total	duplo
SEGUNDO UNIVERSO					
Reconhecimento do Eu	Binah (entendimento)	percepção da dualidade possibilidade do pensar	paixão pelo conhecimento	alegria de conhecer o mundo	espelho solilóquio
Reconhecimento do Tu	Chessed (misericórdia)	percepção do outro	desejo de compartilhar	compaixão sabedoria e memória	
Relações em Corredor	Gevurah (julgamento)	possibilidade de colocar-se em ação frente ao resto do mundo percebido	desejo de receber	espírito empreendedor	
Pré-inversão de papéis	Tiferet (beleza)	possibilidade de integração harmônica com o mundo	desejo de receber para compartilhar	planejar a própria vida compreensão saber reagir saber assimilar perceber com clareza	
Triangulação	Netzach (Vitória)	possibilidade de permanência	perseverança socialização	poder para transformar poder de cura	
Circularização	Hod (Glória)	possibilidade de plenitude	autoridade	tranquilidade amor	
Inversão de papéis	Yesod (fundamento)	possibilidade de espiritualidade passagem para o outro lado	certeza espiritual	humildade serenidade	inversão de papéis
TERCEIRO UNIVERSO					
Encontro	Malchut (Reino)	vida em sociedade	desenvolvimento tético espontaneidade-criatividade	todos os sentimentos humanos	ENVELHECER

Tabela 2: as sefirot da árvore da vida e as etapas da matriz de identidade

Não existe experimentação atual que permita esboçar uma técnica definitiva de utilização do diagrama da *árvore da vida* com o diagrama da Matriz de Identidade, no trabalho psicoterapêutico ou pedagógico. Naturalmente, a constatação do estado de desenvolvimento do paciente ou do aluno (mostrado na figura 1) remete à possível localização no diagrama da *árvore da vida*.

A compreensão dos 32 caminhos da *árvore da vida* pode ajudar a pessoa a explorar seus sentimentos, atitudes e qualidades com mais profundidade, de modo que os utilize melhor em sua evolução existencial.

O TERCEIRO UNIVERSO: A SENESCÊNCIA

Já observamos que concebemos o desenvolvimento da matriz de identidade como um movimento espiralado de ida-e-volta, que se interpenetra, sem necessariamente seguir uma ordenação cronológica rígida. A Matriz de Identidade está internalizada no adulto como uma estrutura sociométrica viva, sempre passível de ser acionada, tanto com a finalidade de influir como de ser influenciada pelas novas experiências.

Esse movimento espiralado de ida-e-volta remete-nos à dinâmica da *árvore da vida*. Algumas correntes cabalísticas referem-se à possível existência das dez *sefirot* dentro de cada uma delas, de modo que corroboram a seguinte afirmação: “o que está embaixo equivale ao que está em cima”. Isso sugere que, se adotarmos um ponto de vista topológico, existe a possibilidade de voltar ao início após a chegada embaixo (‘início’, ‘baixo’ e ‘cima’ referem-se meramente ao aspecto visual do diagrama da *árvore da vida*, sem qualquer consideração de valor ou moral).

Correlacionemos agora, com o processo do envelhecer, os conceitos antes enunciados sobre a Matriz de Identidade e os Universos (Primeiro e Segundo) morenianos. O dito popular de que o ancião assemelha-se à criança serve de convite para nossa reflexão. Propomos a introdução do conceito do Universo como o processo responsável pela natural dissolução da matriz de identidade internalizada, da personalidade e do corpo durante o envelhecimento. Trata-se da terceira parte do ciclo natural do nascimento-vida-morte, de forma que não constitui, em si, um processo patológico. Os sintomas das doenças da senectude (Alzheimer e outras) manifestam, de forma ampliada, as características do envelhecimento típico.

A observação mostra que a senescência é um longo processo neuropsicológico de reversão das etapas da Matriz de Identidade. O idoso apresenta uma diluição progressiva da personalidade. Aos poucos, em graus tão individuais quanto as diferenças entre as crianças, ele perde a capacidade de inversão de papéis; depois, não consegue identificar o papel do outro com clareza (“não sei se você é meu filho, meu marido ou meu pai”). Após perder a capacidade do *reconhecimento do tu*, começa a perder a percepção de si mesmo (dissolução do *reconhecimento do eu* ou da *fase do espelho*) e volta a confundir fantasia e realidade, como um retorno ao *primeiro universo*. Atinge, portanto, a *fase do duplo*, e passa a novamente necessitar da “maternagem” sociofamiliar. Finalmente, ele perde a identidade e retorna à *indiferenciação*. A morte psicológica anuncia a morte biológica, quando então o microcosmo humano retorna ao macrocosmo da natureza.

Segundo o ponto de vista biológico, a evolução do sistema nervoso é marcada pela mielinização e, na velhice, pela desmielinização. Além disso, o corpo vai, lentamente, preparando-se para sua reintegração

ao “pó bíblico”. Por que seria diferente sob o ponto de vista psicológico? Quando realizado de forma fluente e espontânea, pode-se encarar esse retorno cósmico como um processo natural de começo, meio e fim de uma etapa. Dessa maneira, deixamos de nomeá-lo de “involutivo” para considerá-lo um processo evolutivo de reintegração cósmica.

Tais questões remetem à seguinte pergunta: o que sucede ao final do *terceiro universo*? De acordo com o ponto de vista dialético, existem duas maneiras de pensar a morte humana. Contrapondo-se à tese de que “o ser humano morre e desaparece”, existe a antítese de que “a alma humana não morre; logo, ele não desaparece”. Essa oposição dialética tem permeado no pensamento humano durante toda a sua história, contrapondo correntes inatistas e empiristas num duelo sem fim.

O fato é que quem morreu não voltou para contar como é. No entanto, os relatos de *experiências de quase morte* indicam que quem quase morreu teve boa impressão; mas não morreu. É evidente que existe uma absoluta falta de provas experimentais que nos permitam afirmar, com certeza, a existência ou não de vida após a morte biológica. Portanto, em se tratando do conhecimento atual, parece-nos cientificamente lógico tomar como possíveis as duas hipóteses opostas: morreu acabou e morreu não acabou.

Se morrer significa acabar, o *terceiro universo* finaliza com a volta ao EIN SOPH OR (luz do nada infinito). Se morrer significa não acabar, o *terceiro universo* finaliza com um retorno ao *primeiro universo*, num processo cíclico de várias existências. Deixamos ao leitor a possibilidade de escolher sua hipótese de preferência, uma vez que tal escolha não interfere no entendimento do presente trabalho.

BIBLIOGRAFIA

BLATNER, A. *Uma visão do psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1996.

FONSECA, J. Senescência e maturidade. In: COSTA, Elisabeth Sene. *Gerontodrama: a velhice em cena*. São Paulo: Ágora, 1998.

_____. *Psicoterapia da relação*. São Paulo: Ágora, 2000.

_____. *Psicodrama da loucura*. São Paulo: Ágora, 2008.

KAPLAN, A. *Sêfer Ietsirá: o livro da criação, teoria e prática*. Tradução de E. V. V. Pamplona. São Paulo: Sefer, 2002. Título original: Sefer Yetsirah.

GOLDSTEIN, Rabbi Elyse M. *Eating from the Tree of Life: a course on the Zohar*. [S.I.: s.n., Disponível em: <<http://www.kolel.org>>.

MARINEAU, R. F. *Jacob Levy Moreno, 1889-1974, pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Ágora, 1992.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. Buenos Aires: Paidós, 1961.

_____. *Psicoterapia de grupo y psicodrama*. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.

_____. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.

NUDEL, B. W. *Moreno e o hassidismo*. São Paulo: Ágora, 1994.

O Zohar: o livro do esplendor. Passagens selecionadas pelo rabino Ariel Bension. São Paulo: Polar, 2006.

SARRÓ, R. *La esencia del psicodrama*. Buenos Aires: Genitor, 1966. (Cuadernos de Psicoterapia, v. 1, n. 2, p. 73-77.

SCHOLEM, G. *Kabbalah*. New York: Meridian. Plume Books, 1974. ISBN 9780452010079.

WEIL, P. Moreno: da mística à terapia. In: MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

AGRADECIMENTOS

Um dos autores (NVV) agradece ao mestre Mario Meir pelos valiosos ensinamentos sobre Cabala.